

O HOMEM QUE VIROU SULCO

Data de aceite: 01/06/2023

Rogério Amaral de Vasconcellos

Não farei mistério sobre o título. Sequer é “plágio” de um filme ou associação com a condição líquida e vitaminada do ser humano, partindo da premissa de que seu volume corporal é mais aquoso e requer ser regado.

Isso posto, todo homem — gênero e idade inclusos —, apresenta sulcos.

Não os sulcos presentes em sua anatomia de fabricação, aqueles codificados no molde genético contido em seu genoma. Falo daqueles sulcos que vêm com o tempo e decorrem do dinâmico processo do envelhecimento.

Todo homem, mulher ou criança gira, queira ou não, inserido na engrenagem r(e)volucionária. Claro que muitos se recusam, por vontade própria ou inaptidão, a admitirem seus sulcos, o que está além de sua capacidade em fazê-lo.

Não concorda?

Quando o homem *sai de fábrica*, comparando a um carro, já no pátio

da montadora, ele nem precisa pisar no mundo, ter as rodas na pista, para desvalorizar. A ótica do mercado assim lhe impõe, cabendo a nós mostrar o quanto equivocada pode ser essa conclusão.

O homem, você, eu, qualquer outro, nada restrito a espécie humana se fosse a ideia desta crônica partir para uma leitura menos genérica, faz parte da decadência. Os sulcos nada mais são que os sinais, como códigos de barra que nos distingue como indivíduos. Portanto, o barreamento é nossa identidade mais primitiva.

Continua duvidando? Faz bem. Homens e carros (ao menos humanos e carros plurais, até o início do presente século) não trazem manual de instrução para os “itens do fabricante”. Já carros voadores e metahumanos serão vistos em outra crônica, não aqui.

Enquanto isso, pense que em nosso mundo, que não é hipotético, virtual, um devaneio midiático jogável, as fábricas automotivas não param de produzir. Apesar disso, possuem ritmos distintos em cada lugar do planeta. Existem incontáveis

carros azuis, carros rosa, carrinhos de bebê, carrões de luxo, blindados, esculachados, amassados, tunados, reupados, fuzilados, depenados, recondicionados, assim como vemos aqueles carros guinchados, ferros-velhos ambulantes, carros enferrujados, carrinhos de supermercados ou “flex” com o esmalte da lataria verde-esmeralda...

Carros são bens de consumo. Homens são bens consumistas. Entre um e outro permeia o tempo, o arquiteto dos sulcos que se alastram em nós.

Com isso, quero dizer que o homem não é definido pelo carro que ele pilota. É justamente o sulco que o carro dele produz que nos interessa.

Fez-se necessário esse preâmbulo para se chegar ao cerne da questão: como é envelhecer (de preferência com qualidade) e revelar o nosso potencial no século XXI.

Deu no jornal: “O envelhecimento é a demonstração da evolução da humanidade, à qual, o avanço científico e as mudanças sociais ao longo dos tempos não lhe são alheias” (JOURNAL OF AGING AND INOVATION).

”Ser **idoso**” e “ser **velho**” podem parecer sinônimos, mas a abordagem do segundo, quando não está associada ao “velho do saco”, para meter medo nos novos, em regra é muito excludente. Remete ao ser descartado e improdutivo, ou seja, um fardo para a sociedade. Não é isso que nos interessa, enquanto pilotos de carros veteranos.

Esta crônica, pretensões à parte, prova o contrário. Ser velho, idoso, gagá, bagaçudo, rodado, caduco, arcaico, borocoxô, carcomido, cacudo, bolorento, superado, enfim, o que já serviu e se gastou no atrito com o tempo, com maior ou menor grau de preconceito e tato, precisa ter um olhar diferenciado.

São os sulcos, mesmo os “maquiados”, estética e cosmeticamente, que atestam a nossa experiência. Essa deveria ser valorizada, não com salário fruto somente de políticas sociais e incentivos fiscais, mas como investimento. Para que o homem mais experiente possa terminar ou começar um ensino superior/técnico/especialização e poder, assim, se manter ativo e produtivo, ainda que somente (e, principalmente, sem a pressão da sobrevivência) para satisfação pessoal.

Certamente você e eu não somos ávidos colecionadores de pelancas por preferência pessoal, assim como colecionadores de álbuns da Copa se matam por um retalho autoadesivo, endividando-se no processo. Com nosso design inteligente moderno, hi-tech, somos atores e vítimas da evolução.

Felizmente, os sulcos estão presentes em tudo.

Na agricultura, são traçados na superfície fendida pelo arado.

Na anatomia, são depressões, por onde também passam nervos, vasos e alojam o próprio coração; esculpem as faces, contribuem para o “bigode chinês” (cavidade nasogeniana) na lateral do nariz até o lábio, as rugas de expressão aparecem em toda parte, com os principais coadjuvantes infrapalpebral e labiomentoniana, que tanta clientela arrecadam nos preenchimentos movidos a ácido hialurônico.

Na música (dinossauros sabem o que estou falando), sulcos são depressões por

onde desliza a agulha da vitrola, presentes no disco de vinil.

Na engenharia, atuam nas polias por onde passam cordas e fios para minimizar a força empregada para se erguer um peso.

Na natureza, o rastro (ainda que temporário) criado na passagem dos patins de gelo...

Já quase ultrapassando a metade da outra metade do século XXI, repensar o papel do homem não é apenas uma questão social.

É vital para a nossa sobrevivência.